

# O jovem Goodman Brown

## Nathaniel Hawthorne

Enquanto saía para a rua, no pôr-do-sol da aldeia de Salem, o jovem Goodman Brown voltou a cabeça, depois de atravessar a soleira, para trocar um beijo de despedida com a sua jovem esposa. E Faith, como era justamente o nome dela, esticou o pescoço em direcção ao passeio, deixando o vento brincar com as fitas rosa do seu chapéu enquanto chamava por Goodman Brown.

"Meu amor," sussurrou ela, débil e muito tristemente, quando os seus lábios estavam perto do ouvido dele, "acaba o que tens de fazer antes do nascer do sol e vem dormir na tua própria cama esta noite. Uma mulher solitária se vê tão tomada de sonhos e pensamentos que teme às vezes até a si mesma. Vem rezar comigo esta noite, querido esposo, como em todas as noites do ano."

"Meu amor e minha Faith", respondeu o jovem Goodman Brown, "apenas esta noite, de todas as noites do ano, estaremos separados. Preciso começar e terminar esta minha missão, como a chamas, entre o ocaso e o nascer do sol. O que, minha querida, minha bela esposa, te faria desconfiar de mim, nós que não temos senão três meses de casamento?"

"Então, Deus te abençoe!", disse a Faith das fitas rosa; "e sabe que tudo vai estar em ordem na tua volta."

"Amén!", respondeu Goodman Brown. "Reza, querida Faith, e vai-te deitar com o crepúsculo. Nada de mau vai te acontecer."

Então eles separaram-se; e o jovem tomou o seu caminho. Já quase para virar a esquina, ele olhou para trás e viu que Faith o olhava com certa melancolia, apesar das fitas rosa.

"Pobre Faith!", pensou com o coração combalido. "Sou um desgraçado por deixá-la por tal coisa! E ela ainda me fala de sonhos. O seu rosto, enquanto falava, pareceu-me preocupado, como se um sonho a tivesse advertido do que está para acontecer esta noite. Ora, não, não; tal pensamento a mataria. Ora, ela é um anjo abençoado que veio a este mundo; e depois desta noite vou me agarrar a ela e segui-la até ao céu." Com esse honroso plano para o futuro, Goodman Brown sentiu que tinha justificativas para apressar-se ainda mais no diabólico empreendimento. Assim, tomou uma estrada deserta, cuja escuridão era causada por árvores lúgubres que quase não davam passagem. O caminho era o mais solitário possível e trazia em si a peculiaridade

desses lugares: o viajante não percebia que talvez pudesse ser observado entre inúmeros troncos e galhos fundos e altos; assim, havia a hipótese de as suas solitárias pegadas estarem a passar por uma multidão invisível.

"Por trás de cada árvore pode estar um selvagem cruel", murmurou Goodman Brown; acrescentando com um sorriso: "Vai que o próprio Diabo esteja atrás de mim!".

Antes de virar uma curva, voltou-se para trás. Depois, adiante, avistou a silhueta de um homem, em trajes sérios e decentes, sentado ao pé de uma velha árvore. O vulto levantou-se ao ver Goodman Brown se aproximar e pôs-se a caminhar a seu lado.

"Você está atrasado, Goodman Brown", disse o outro. "Quando atravessei Boston o relógio de Old South soava, e isso foi há uns bons quinze minutos."

"Faith atrasou-me um pouco", respondeu o rapaz, com a voz meio trémula por causa do encontro, aliás não inteiramente inesperado.

A floresta escurecera muito e os dois agora estavam para entrar na região mais afastada. Se pudessem ser vistos de perto, o segundo viajante aparentaria mais ou menos cinquenta anos, provavelmente era da mesma classe social que Goodman Brown, e parecia-se muito com ele, ainda que mais nos gestos que na aparência. Mesmo assim, eles poderiam ser tomados por pai e filho. E ainda, apesar de o mais velho estar vestido da maneira simples do outro, e ter também os gestos simples, tinha o indescritível ar de quem conhece as coisas do mundo e não se intimida ao sentar-se à mesa de jantar do governador ou ir à corte do rei William, se fosse possível que os seus negócios o chamassem àqueles lugares. Mas, sobre ele, a única coisa que podia ser considerada digna de nota era o cajado, cuja curvatura era a perfeita imagem de uma grande cobra negra, tão engenhosamente forjada que poderia mesmo ser vista enrolar-se e retorcer-se como uma serpente viva. Com certeza, tratava-se de uma ilusão de óptica causada pela escassez de luz do lugar.

"Vamos, Goodman Brown", gritou o seu colega de viagem, "estamos no início de uma jornada. Pegue o meu cajado, se for se cansar logo."

"Amigo", disse o outro, parando, "combinámos de nos encontrarmos aqui e é daqui que eu volto. Tenho escrúpulos que me impedem de seguir adiante com a sua proposta."

"O que você está dizendo?", respondeu o da serpente, sorrindo um pouco à frente.

"Vamos continuar andando e eu vou convencê-lo a não voltar. Além do mais, quase não avançámos pela floresta."

"É muito longe! É muito longe!", exclamou Brown, voltando a caminhar sem perceber. "Meu pai nunca andou na floresta como um vagabundo e nem o pai dele. Somos uma linhagem de homens honestos e bons cristãos desde os dias do martírio; e eu serei o primeiro dos Brown a andar por este lugar."

"Meu caro, não diga uma coisa dessas", observou o homem mais velho, tratando de parar. "Bendito, Goodman Brown! Sou tão íntimo da sua família, a ponto de quase ser eu mesmo um Puritano; para mim é fácil dizer certas coisas. Ajudei o seu avô, o encarregado, quando ele prendeu a mulher quaker tão habilmente através das árvores de Salem; e acompanhei de muito perto o seu pai quando ele ateou fogo a uma aldeia de selvagens, na guerra do rei Filipe. Éramos bons amigos, os dois; e tivemos caminhadas agradáveis por aqui, voltávamos felizes depois da meia-noite. Até por respeito a eles eu gostaria de ser seu amigo."

"Se for mesmo como diz", respondeu Goodman Brown, "admira-me que eles nunca tenham me falado sobre isso; ou melhor, talvez não, já que o menor rumor sobre tal coisa os expulsaria da Nova Inglaterra. Somos um povo de fé e boas acções, não toleramos tais vícios."

"Vícios ou não", disse o andarilho do cajado retorcido, "tenho óptima fama aqui na Nova Inglaterra. Os diáconos de muitas igrejas bebem em minha companhia o vinho da comunhão; os melhores homens de diversas cidades fazem-me seu representante; e a maior parte das duas cortes principais apoia firmemente os meus interesses. O governador e eu, também – mas esses são segredos de Estado."

"Como pode ser isso?", exclamou Goodman Brown, arregalando os olhos, cheio de espanto com a sua inabalável companhia. "No entanto, eu não tenho nada a fazer com o governador e o conselho; eles têm as suas próprias práticas, e não estão preocupados com um simples homem casado como eu. Mas, se eu continuar contigo, como poderei olhar para o nosso bom e velho pastor da aldeia de Salem? Oh, eu tremeria diante de sua voz tanto no sabá como no dia do sermão." Mesmo um pouco afastado, o outro ouvia com seriedade, mas no final pôs-se a rir com tal violência que o seu cajado em forma de cobra parecia balançar acompanhando-o.

"Ah! Ah! Ah!", riu longamente, para depois se recompor. "Bom, vamos, Goodman Brown, vamos; mas, por Deus, não me mate de rir."

"Bom, e para terminar esse assunto de uma vez", disse Goodman Brown, consideravelmente irritado, "há a minha esposa, Faith. Tudo isso destruiria o coraçãozinho dela, e antes eu arrancaria o meu próprio."

"Não, isso de maneira nenhuma", respondeu o outro, "continue. Nem por vinte senhoras, como a que cruza o nosso caminho, eu permitiria que Faith sofresse algum dano." Enquanto falava, ele apontou o cajado para um vulto feminino no caminho, Goodman Brown reconheceu uma dama muito pia e exemplar, que lhe tinha ensinado o catecismo na juventude e era ainda sua conselheira moral e espiritual, junto com o pastor e o diácono Gookin.

"É um verdadeiro espanto encontrar Goody Cloyse no meio da floresta a esta hora da noite", disse ele. "Mas, com a sua permissão, amigo, vou tomar um atalho pelas árvores até que possamos ultrapassar essa mulher cristã. Como não o conhece, ela pode perguntar quem era a minha companhia e para onde ia."

"Faça isso", disse o seu companheiro. "Vá pelas árvores e deixe-me tomar o meu caminho."

Com isso o jovem foi para o outro lado, mas não deixou de olhar para o seu companheiro, que ia calmamente ao longo da estrada até ficar a um cajado de distância da velha dama. Ela, nesse meio-tempo, andava o mais rápido que podia, com singular velocidade para uma mulher daquela idade, e murmurava algumas palavras incompreensíveis – uma prece, sem dúvida. O viajante estendeu o cajado e tocou-lhe o pescoço nervoso com o que parecia ser o rabo da serpente.

"Que diabo!", gritou a piedosa mulher.

"Então, Goody Cloyse conhece o meu amigo?", notou o jovem, vendo que ela se apoiava no bastão contorcido.

"Ah, cavalheiro, é mesmo o senhor?", gritou a boa dama. "Claro, é o senhor, e na antiga aparência do velho fofoqueiro, Goodman Brown, o avô do garoto bobo. Mas – o senhor acreditaria nisso? – o meu cajado estranhamente desapareceu, roubado, como eu suspeito, por aquela bruxa louca, a Goody Cory e que, também, quando eu estava toda unguida com suco de aipo, folhas de cinco pontas, e osso de lobo..."

"Misturado com bom trigo e gordura de criança recém-nascida", disse a forma do velho Goodman Brown.

"Ah, conhece a receita!", gritou a velha, gargalhando alto. "Então, como dizia, com tudo pronto para o encontro, e nenhum cavalo à disposição, animei-me a andar; pois disseram-me que há um belo jovem para ser iniciado esta noite. Mas agora o senhor vai levar-me pelo braço, e sairemos daqui num minuto."

"Não", respondeu o amigo dela. "Não posso levá-la pelo braço, Goody Cloyse; mas aqui está

o meu cajado, se quiser."

Com isso, o homem atirou-o aos pés dela, onde tomou vida própria, já que se tratava de uma das varas emprestadas por feiticeiros egípcios. Disso, contudo, Goodman Brown não pôde tomar conhecimento. Surpreendido, ele fechara os olhos e, voltando a abri-los, não viu nem Goody Cloyse nem o cajado de serpente, mas o seu companheiro de passeio sozinho, que esperava calmamente por ele como se nada tivesse acontecido.

"Aquela velha mulher ensinou-me o catecismo", disse o jovem; e havia um mundo de significados nesse simples comentário.

Eles continuaram a caminhar, enquanto o mais velho exortava o seu companheiro a se apressar e tomar a direção certa, falando com tal veemência que os argumentos dele pareciam mesmo jorrar do seu peito em vez de terem sido pensados por ele próprio. Enquanto iam, ele pegou um galho de árvore para servir de apoio, e os dois começaram a retirar os raminhos e pequenos caules, que estavam molhados com o orvalho da noite. No momento em que encostaram os dedos, como se fosse o brilho comum do sol, eles tornaram-se estranhamente murchos e secos. Dessa forma o par continuou, em boas passadas, até que surpreendentemente, numa clareira escura da estrada, Goodman Brown sentou-se no toco de uma árvore e recusou-se a continuar.

"Amigo", disse ele obstinadamente, "estou decidido. Não dou um passo adiante nessa perversão. Então, porque aquela mulher desgraçada escolheu o rumo do inferno enquanto eu pensava que ela estava indo para o céu, devo eu também abandonar a minha querida Faith para ir atrás dela?"

"Você terá oportunidade para pensar melhor nisso", disse o seu companheiro com toda a calma. "Sente-se aqui e descanse um pouco; e quando sentir que pode continuar novamente, o meu cajado o ajudará no caminho."

Sem outras palavras, atirou ao seu companheiro o galho da árvore e desapareceu como se tivesse sido tragado pela profunda escuridão. O jovem sentou-se uns poucos momentos à beira da estrada para reflectir e pensar que deveria ter a consciência limpa para encontrar o pastor na sua caminhada matinal, e também não precisar recuar dos olhares do velho diácono Gookin. E como dormiria pura e docemente nos braços de Faith o resto daquela noite, até ali tão imoral! Enquanto pensava naqueles momentos agradáveis e louváveis, Goodman Brown ouviu o ruído dos cavalos ao longo da estrada, e achou prudente esconder-se à beira da floresta, consciente do

condenável propósito que o havia levado tão longe, ainda que agora estivesse felizmente voltando.

Junto com as ferraduras dos cavalos e os ruídos dos homens, duas vozes graves podiam ser distinguidas, como se estivessem muito perto. A confusão de sons parecia estar a pouca distância de onde o jovem se escondera; mas, por causa sem dúvida da escuridão profunda naquele ponto em particular, nem os viajantes nem os seus companheiros eram visíveis. Ainda que as suas silhuetas tocassem os galhos mais baixos do caminho, eles não cruzariam nem sequer com o débil brilho de uma lista do céu estrelado. Goodman Brown alternadamente dobrava os joelhos e ficava na ponta dos pés, puxando os galhos e estendendo a cabeça na escuridão sem discernir mais que uma sombra. Aquilo incomodava-o muito, porque ele podia ter jurado, fosse tal coisa possível, que reconhecera as vozes do pastor e do diácono Gookin, movendo-se lenta e pesadamente, como faziam ao se reunir para alguma ordenação ou concílio eclesial. Enquanto ouvia, um dos cavaleiros parou para apanhar um galho.

"Dos dois, senhor reverendo", disse a voz semelhante à do diácono, "eu não trocaria um jantar pelo encontro desta noite. Disseram-me que alguém da nossa comunidade de Falmouth e arredores viria para cá, e outros de Connecticut e Rhode Island, além de muitos curandeiros da selva, que, por causa de sua actividade, sabem mais de coisas diabólicas do que o melhor de nós. Além de tudo, há uma formosa jovem para ser tomada em comunhão."

"Concordo, diácono Gookin!", respondeu em tom solene o pastor. "Corra, ou vamos atrasar-nos. Nada pode ser feito, sabe, até que eu chegue." As ferraduras fizeram barulho novamente; e as vozes, tão estranhas no ar vazio, passaram pela floresta, onde igreja nenhuma havia até ali sido congregada ou mesmo um cristão solitário, orado. Para onde, então, poderiam esses santos homens estar a ir tão longe no vazio pagão? O jovem Goodman Brown segurava-se nas árvores para não cair no chão, desfalecido e pressionado pela pesada dor do seu coração. Ele olhou para o alto, duvidando se realmente havia um céu sobre ele. Mas lá estavam o arco azul e as estrelas brilhando.

"Com o céu sobre mim e Faith ao meu lado, vou me manter firme contra o diabo!", gritou Goodman Brown.

Enquanto ainda olhava fixamente o profundo arco do firmamento e erguia as suas mãos para orar, uma nuvem, embora nenhum vento soprasse, precipitou-se no zénite e escondeu as estrelas brilhantes. O céu azul estava ainda visível, excepto directamente sobre ele, onde essa massa preta

de nuvem deslizava rapidamente para o norte. Das profundezas das nuvens, suspenso no ar, veio um confuso e duvidoso som de vozes. Depois, ele achou que estava identificando a voz de algumas pessoas da aldeia, homens e mulheres, os pios e os perversos, muitos dos quais ele encontrara na mesa de comunhão; e outros vira em orgias na taverna. No instante seguinte, tão confusos eram os sons, acabou duvidando se tinha mesmo ouvido qualquer coisa além do murmúrio da velha floresta, ainda que não houvesse vento nenhum. Então o barulho das vozes familiares aumentou, as mesmas que ele ouvia diariamente no brilho do sol em Salem, mas nunca até então durante a noite. Ouvia-se a voz de uma jovem mulher lamentando-se, com incerto pesar, e pedindo por algum favor, que talvez lhe fosse um desgosto obter; e toda a invisível multidão, os santos e os pecadores, parecia encorajar o avanço dela.

"Faith!", gritou Goodman Brown, numa voz de agonia e desespero; e os ecos da floresta arremedavam-no, gritando "Faith! Faith!", como se muitos infelizes a estivessem caçando por toda a selva.

O grito de dor, fúria e terror ecoava noite adentro, quando o desgraçado marido prendeu a respiração, esperando por uma resposta. Houve um berro, transformado imediatamente num alto murmúrio de vozes, e uma risada distante, enquanto a nuvem escura deslizava, abrindo para Goodman Brown um céu claro e silencioso. Mas alguma coisa presa ao ramo de uma árvore se agitava levemente no ar. O jovem estendeu o braço e viu que era uma fita rosa.

"a minha Faith entregou-se!", gritou ele, depois de um momento de espanto. "O bem não existe no mundo; e o pecado é só uma palavra. Venha, diabo; o mundo é seu." E, enfurecido pelo desespero, Goodman Brown riu alta e longamente, pegou o seu cajado e pôs-se outra vez adiante, agora como se estivesse a voar ao longo do caminho da floresta, e não andando ou correndo. A estrada abria-se mais selvagem e lúgubre e ainda mais tenuemente desenhada, e desaparecia à frente, deixando-o no coração da selva escura, ainda correndo animado pelo instinto que guia o homem mortal para o mal. A floresta inteira estava povoada de sons pavorosos – o crepitar das árvores, o uivo das feras selvagens e o brado dos índios. Às vezes o vento fazia o som do dobre do sino de uma igreja distante. De vez em quando um ruído levantava-se bem ao seu lado, como se toda a natureza estivesse rindo dele. Mas a visão mais horrível da cena era ele próprio. O resto não o acovardava.

"Ah! Ah! Ah!", Goodman Brown riu enquanto o vento zombava dele. "Vamos ver quem vai rir mais alto. Não pensem em me assustar com a vossa perversidade. Venham, bruxas;

aproximem-se, feiticeiras; curandeiros, adiantem-se; que venha o próprio diabo, eis aqui Goodman Brown. Ele pode tanto temer quanto ser temido. Na verdade, não havia nada na floresta mal-assombrada mais assustador que a figura de Goodman Brown. Ele atirava-se entre os pinheiros negros, brandindo o seu cajado com gestos frenéticos, depois gritava uma horrível blasfêmia e gargalhava de uma forma que os ecos da floresta pareciam rir como demónios ao redor dele. O diabo em sua própria forma é menos hediondo do que quando se alastra no peito do homem. Dessa maneira, aquela imagem demoníaca fez mais rápido o seu caminho até ver, tremendo entre as árvores, uma luz vermelha, como se os troncos caídos e os galhos de uma clareira estivessem a ser postos ao fogo. A lúgubre chama apontava para o céu, era meia-noite. Ele parou, numa calmaria da tempestade que o levava adiante, e ouviu o ruído do que parecia ser um hino entoado ao longe com o peso de muitas vozes. Ele conhecia a melodia; o coro da congregação da aldeia sempre a entoava. O som diminuía lentamente e estendia-se por um grupo de cantores, não de vozes humanas, mas de todos os sons misturados numa confusa harmonia. Goodman Brown gritou, mas o seu grito perdeu-se naquela confusão.

Num momento de silêncio, ele foi atrás de luz para iluminar os olhos. Na extremidade de um lugar aberto, à frente de uma parede escura da floresta, havia uma pedra que guardava certa semelhança rude e natural com um altar ou um púlpito, contornada por quatro pinheiros brilhando, com a copa em chamas e o caule intocado, como as velas num culto macabro. A massa de musgo que crescera sobre a pedra pegava fogo, queimando fundo na noite e irregularmente iluminando o campo inteiro. Cada raminho e cada tufo de folha queimava. Como a luz vermelha crescia e diminuía, uma numerosa congregação alternadamente brilhava ao longe, e depois desaparecia na sombra, e novamente aparecia, como se quisesse fugir da penumbra e povoar o coração das árvores solitárias.

Aqui está uma assembleia séria e desgraçadamente infeliz", disse Goodman Brown para si mesmo.

Na verdade era isso mesmo. No meio deles, tremulando para a frente e para trás entre o lusco-fusco e a luz, estavam alguns rostos que seriam vistos no dia seguinte no conselho da província, e outros que, sabá após sabá, pareciam devotadamente celestiais, e muito pios no banco da igreja do mais santo púlpito da região. Alguns afirmam que a senhora do governador estava lá. No mínimo, podiam ser vistas altas damas bem próximas a ela, e esposas de honrados cavalheiros, e uma enormidade de viúvas, e antigas virgens, todos de excelente reputação, e

respeitadas senhoritas, que tremiam de receio que as mães as vissem. Além disso, o surpreendente bruxuleio da luz brilhando sobre o obscuro campo deixou Goodman Brown muito confuso, ou talvez ele mesmo tenha reconhecido um grupo de membros da igreja de Salem famosos pela sua especial santidade. O diácono Gookin chegara, e esperava paramentado, como também o seu venerável santo, pastor e reverendo. Mas, acompanhando muito irreverentemente essas graves, reputadas e piadas pessoas, esses anciões da igreja, as damas castas e as virgens orvalhadas, lá estavam homens de vida dissoluta e mulheres de larga fama, infelizes lançados a toda vilania e vícios imundos, e suspeitos inclusive de crimes terríveis. Era estranho ver que as pessoas honradas não fugiam da companhia dos sujos, nem os santos deixavam os pecadores envergonhados. Espalhados também entre os rostos pálidos estavam os sacerdotes selvagens, os curandeiros, que sempre amedrontam a floresta nativa com encantos mais temíveis do que a mais conhecida feitiçaria inglesa.

"Mas onde está Faith?", pensou Goodman Brown; e na mesma hora que o seu coração se enchia de esperança, ele tremeu.

Ouviu-se outro verso do hino, uma vaga e pesarosa melodia, como o sagrado amor, mas acompanhado de palavras que expressam tudo o que a nossa natureza pode conceber, e no caso com o maior exagero possível, de pecaminoso. A mitologia dos demónios é inatingível para meros mortais. O coro da imensidão acompanhava os versos como o mais profundo tom de um potente órgão, e, para encerrar, ouviu-se um desagradável barulho, algo semelhante ao uivo do vento, aos rios precipitando-se, aos animais ganindo e a todas as outras vozes da selva alucinada; era como se um homem culpado estivesse a prestar tributo ao soberano. Os quatro pinheiros queimando levantavam uma chama mais leve, e obscuramente denunciavam formas e semblantes de horror na grinalda de fumo sobre a ímpia reunião. No mesmo momento, o fogo sobre a pedra avermelhou-se mais e formou um arco resplandecente sobre a base, onde agora surgia um vulto. Falando com toda a veneração, o vulto não tinha muita semelhança, tanto na roupa quanto nos gestos, com qualquer uma das altas autoridades da Igreja da Nova Inglaterra.

"Que venham os conversos!", gritou uma voz que ecoou através do campo e perdeu-se na floresta. Com aquilo, Goodman Brown deu um passo na sombra das árvores e aproximou-se da congregação, da qual sentiu uma relutante proximidade pela simpatia daqueles que para ele eram imorais. Ele podia jurar que a forma do seu próprio pai pedia-lhe que avançasse, olhando para além da grinalda de fumo, enquanto uma mulher, com as feições embaçadas pelo desespero,

ergueu as mãos para aconselhá-lo a voltar. Seria a sua mãe? Mas ele não conseguia retroceder um passo sequer, nem para resistir, mesmo em pensamento, quando o pastor e o bom e velho diácono Gookin o pegaram pelos braços e o guiaram até a pedra em chamas. Goody Cloyse, aquela pia professora de catecismo, e Martha Carrier, que tinha recebido a promessa do diabo de ser a rainha do inferno, guiaram para aquele mesmo lugar uma mulher cujas feições estavam ocultas. Tratava-se de uma megera ensandecida. Os prosélitos estavam todos em pé debaixo do fogo.

"Bem-vindos, meus filhos", disse a figura sombria, "à comunhão com o vosso povo. Nós descobrimos a sua jovem natureza e o seu destino. Meus filhos, olhem para trás!" Ele voltou-se; e, lampejando adiante, como se estivesse em chamas, um sorriso de boas-vindas brilhava lugubrememente no rosto de cada um dos adoradores do demónio.

"Ali estão", adiantou a forma obscura, "todos os que vocês reverenciam desde a infância. Nem eles se consideram tão santos. Vocês abalavam-se com os vossos pecados, comparando-os com a vida deles, cheios de virtudes e aspirações de santidade celestial. Pois aqui estão todos na minha reunião de adoração. Poderão conhecer nesta noite a vida secreta deles: como velhos de barba grisalha da igreja murmuram travessuras para as jovens virgens da sua casa; como uma mulher, ávida pela erva daninha da viuvez, deu ao seu marido uma bebida na hora de se deitar e deixou-o dormir o último sono no seu ombro; como jovens imberbes apressam a herança da fortuna dos pais; e como donzelas honestíssimas – sem chorar, meigas – abrem pequeninas covas no jardim, e me convocam, a única testemunha, para um funeral de criança recém-nascida. Em todos os lugares farejamos a simpatia pelo pecado – na igreja, no quarto, na rua, no campo ou na floresta – onde um crime for cometido, a terra inteira se enche de culpa, essa poderosa nódoa de sangue. Muito mais longe do que isso: é como descobrir, em cada peito, o profundo mistério do pecado, a fonte de todas as artes malignas, e às quais, sem exaustão, fornecem mais impulsos maus do que o poder humano – do que o meu mais forte poder – de facto se manifesta. E agora, minhas crianças, olhem um para o outro."

Foi o que fizeram; pelas chamas das tochas parecidas com o inferno, o desgraçado homem avistou a sua Faith, e ela, o seu marido tremendo atrás daquele altar cheio de pecado.

"Aí estão vocês, minhas crianças", disse o vulto, num tom solene e profundo, um tanto triste com sua desesperada maldade, como se a sua antiga natureza angélica já estivesse em pranto pelo nosso miserável povo. "Confiavam um no coração do outro, ainda tínhamos esperança de

que a virtude fosse mais que um sonho. Agora não restam ilusões. O mal é a natureza do homem. O mal deve ser a sua única felicidade. Uma vez mais, crianças, bem-vindos à comunhão com o vosso povo."

"Bem-vindos", repetiam os adoradores do demónio, num grito de desespero e triunfo.

E ali estavam eles, o único par, como parecia, que ainda hesitava em dar vazão às perversidades nesse mundo negro. Uma bacia foi escavada na pedra. Aquela luz flamejante era água vermelha? Ou sangue? Ou, por acaso, um líquido queimando?

O vulto mergulhou a mão naquele lugar e preparou aos leigos a marca de baptismo sobre as suas testas, para que eles pudessem participar do mistério do pecado, e ficassem mais conscientes das culpas secretas dos outros, tanto no agir quanto no pensar, para que elas pudessem agora ser as suas também. O marido olhou a sua pálida esposa, e Faith fixou-se nele. Quais pecados de um e de outro o próximo olhar lhes revelaria?

"Faith! Faith!", gritou o marido, "olha para o céu e resiste ao mal." Se Faith obedeceu, Goodman Brown não sabe. Naquele mesmo momento, ele achou-se a si mesmo na solidão da calma noite, ouvindo o bramido do vento que morria floresta adentro. Chocou-se contra a pedra, e sentiu-a fria e húmida, enquanto um graveto, que tinha estado nas chamas, salpicava o seu rosto com o mais frio orvalho.

Na manhã seguinte, Goodman Brown caminhou com vagar pelas ruas de Salem, olhando fixamente à roda como um homem desconcertado. O bom e velho pastor passeava ao longo do cemitério, para abrir o apetite para o pequeno-almoço e meditar no sermão, e abençoou Goodman Brown. Ele recuou desse santo venerável como se quisesse evitar um anátema. O velho diácono Gookin estava no culto doméstico, e as palavras santas da sua prece podiam ser ouvidas pela janela aberta. "A que deus está rezando o bruxo?", disse Goodman Brown. Goody Cloyse, aquela excelente cristã, estava sob o sol da manhã na sua própria janela, catequizando uma garotinha que lhe havia trazido um pouco de leite recém-ordenhado. Goodman Brown agarrou violentamente a menina, como se a estivesse arrancando às garras do demónio; virando a esquina, ele viu a cabeça de Faith, com as fitas rosa, olhando ao longe com firmeza, e demonstrando tal alegria à vista dele que saltou para a rua e por pouco não beijou o marido diante da aldeia inteira. Mas Goodman Brown olhou de uma forma triste e cortante para o seu rosto, e passou por ela sem um cumprimento sequer.

Teria Goodman Brown apenas caído na floresta e tido um pesadelo?

Acredite se desejar; mas, ora! O jovem Goodman Brown teve um sonho de mau presságio. A partir daquela noite, ele tornou-se um homem triste, desconfiado e estranhamente pensativo, para não dizer desesperado. No dia do sabá, quando a congregação estava a cantar um salmo sagrado, uma canção pecaminosa soprava alto na sua orelha e afogava toda a melodia sagrada, impedindo-o de ouvir. Quando o pastor falava do púlpito com poder e fêrvida eloquência, e com a mão sobre a Bíblia aberta, explicando as verdades sagradas da nossa religião, e contando vidas santificadas e mortes triunfantes, pregando felicidades no futuro ou miséria indizível, Goodman Brown empalidecia, cheio de medo de que o telhado desabasse sobre o blasfemo grisalho e a sua plateia. Sempre, acordando surpreendentemente no meio da noite, ele abandonava o peito de Faith; pela manhã ou ao crepúsculo, quando a família se ajoelhava para orar, ele franzia a testa, sussurrava consigo mesmo, encarando cortantemente a esposa, e saía. E depois de viver muito, deixando à cova um corpo encanecido, secundado por Faith, uma mulher de idade, e pelos filhos e netos, uma graciosa procissão, além de muitos vizinhos, não foi esperançoso o epitáfio que gravaram sobre a lápide, pois ele morreu cheio de culpa e cercado de trevas.

*Tradução de Ricardo Lísias*

*Retirado da colectânea “Contos Fantásticos do século XIX”, seleccionada por Ítalo Calvino.*

*Encontre mais e-books na secção Biblioteca do Esquerda.net*